



ESPECIAL FLORESTA DA SERRA DO AÇOR

NOVA FLORESTA ESTÁ A EMERGIR NO CENTRO DE PORTUGAL

ARGANIL O manto negro que, em 2017, cobriu a floresta da Serra do Açor, está, gradualmente, a ser renovado, reescrevendo a história com uma pintura em tons de verdes com a plantação de 1,8 milhões de árvores

➔ Ricardo Busano

Está em marcha na Serra do Açor uma verdadeira alteração do paradigma visual. O manto negro que, em 2017, cobriu a floresta do centro de Portugal após os devastadores incêndios, está, gradualmente, a ser renovado, reescrevendo a história da serra com uma pintura em tons de verdes. Todavia, a verdadeira revolução é a gestão profissional de 2.500 ha de áreas florestais por uma associação constituída pelos próprios donos dos terrenos.

O projeto "Floresta Serra do Açor", financiado pelo Grupo Jerónimo Martins, em colaboração com a Câmara Municipal de Arganil, com as associações dos proprietários de terrenos

baldios e com a Escola Superior Agrária de Coimbra, que contempla um investimento na ordem dos 5 milhões de euros, abrange uma área de 2500 hectares e os primeiros objetivos passam por, até 2026, plantar mais de 1,8 milhões de árvores de espécies como o pinheiro-bravo, o sobreiro, o castanheiro, o carvalho e o medronheiro.

Cerca de 85% dos povoamentos serão mistos – pinheiro-bravo e autóctones (castanheiros, medronheiros, carvalhos e sobreiros) – por se considerar que o pinheiro-bravo pode ser «importante nos primeiros anos de vida» das folhosas, sendo que, ao fim de 10 ou 15 anos, este será cortado, tendo como objetivo final uma área apenas ocupada por autócto-

nes.

Luís Paulo Costa considera que o investimento neste projeto, com um período longo de 40 anos, «é mais do que plantar árvores, é plantar uma nova floresta, dada a sua dimensão e as suas características ecológicas». Estas árvores que estão a ser plantadas, afirma o presidente da Câmara Municipal de Arganil, «excluindo a questão do pinheiro-bravo, as autóctones do Carvalho e Castanheiro, são árvores que não ardem com a mesma facilidade que o pinheiro-bravo ou que o eucalipto, têm esta característica, são resilientes» e, por isso, a aposta passa igualmente por «reduzir o impacto dos incêndios e tem muito essa perspectiva de se conseguir uma flo-

resta com capacidade autorregenerativa».

«Infelizmente, por maior que seja o nosso desejo de não voltarmos a ter incêndios no concelho ou no território aquilo que a história nos diz é o contrário», sublinhou o autarca. «E se nada fosse feito, a natureza criaria outro barril de pólvora em meia dúzia de anos. O que estamos a fazer é plantar uma nova floresta de espécies autóctones resistentes ao fogo, ao mesmo tempo que protegemos a vida selvagem da região», destacou.

O pinheiro-bravo em «10 anos não tem qualquer tipo de retorno económico» e essa condicionante «tem empurrado muitos proprietários para aquilo que é possível fazer em

10 anos, que é o eucalipto». «Nós queremos interromper esse ciclo e esse paradigma e acho que vamos consegui-lo com esta estratégia», frisou.

Atualmente, assume Luís Paulo Costa, as «parcelas estão com três anos de vida e já permitem perceber algumas dificuldades e «antecipar algumas estratégias». «Algumas parcelas já tinham matos muito significativos e, portanto, entendemos que era oportuno fazer esta primeira intervenção de limpeza», que aconteceu no Dia da Floresta Autóctone.

Mesmo assim, alerta, «existe risco», na «floresta existe sempre muito risco», mas para as coisas «correrem bem é preciso de facto ter um trabalho sistemático». ☺

Luís Paulo Costa considera que o investimento neste projeto, com um período longo de 40 anos, “é mais do que plantar árvores, é plantar uma nova floresta”

FLORESTA DA SERRA DO AÇOR



Luís Paulo Costa e Raúl Salas-Gonzalez na ação promovida a propósito do Dia da Floresta Autóctone, que se assinalou a 23 de novembro

PROJETO GANHA “RAÍZES FORTES E DURADOURAS” NAS ENCOSTAS DE ARGANIL

OPERACIONALIZAÇÃO Floresta Serra do Açor tem atualmente contratos adjudicados e em execução, que “cobrem uma área total de intervenções em 87 das 137 parcelas” do Plano de Gestão Florestal de cerca de 1.500 ha, estando já instalados, no início da presente época de plantação, cerca de “800 ha de novos povoamentos florestais”

↳ Ricardo Busano

O projeto Floresta da Serra do Açor (FSA) continua a ganhar “raízes fortes e duradouras” nas encostas de Arganil, assinando este ano duas novas campanhas de plantações, que decorreram até ao final do mês de fevereiro e que foram retomadas a partir de novembro. Até ao momento, e passados mais de três anos desde o arranque deste projeto pensado e planeado para 40 anos, prevêem-se que floresçam nas serranias do concelho 1 milhão e 100 mil árvores. Até ao final de 2025, de todas as espécies previstas no Plano de Gestão Florestal (PGF), terão sido plantadas 1 milhão e 800 mil árvores em aproximadamente 2.500 hectares.

A FSA tem atualmente contratos adjudicados e em execução que «cobrem uma área total de intervenções em 87 das 137 parcelas» do PGF, de cerca de 1500 ha, estando já instalados, no início da presente época de plantação, cerca de «800 ha de novos povoamentos florestais, o que se traduz em cerca

de 800.000 novas árvores», revela a associação.

Para a presente época de plantação, que iniciou em 25 de novembro e durará até meados de fevereiro de 2025, «prevê-se a instalação de mais 300 ha (cerca de mais 320.000 novas árvores) em terrenos já preparados» nos Baldios de Cepos e Casal Novo, Baldios de Lomba, Nogueira e Aveleira, Baldios de Porto Castanheiro, Baldios de Celavisa e Baldios de Alqueve e Bocado e Baldios de Teixeira, atingindo-se no final da época de plantação, o valor de cerca de «1.100.000 novas árvores» instaladas na Serra do Açor desde Janeiro de 2021.

O trabalho em desenvolvimento incide, muitas vezes, sobre terrenos muito degradados, incluindo situações muito anteriores aos incêndios de 2017. «Trata-se nestes casos de ações de restauro ecológico, restauro do solo e do coberto vegetal, que são muito mais sensíveis, difíceis e cujos resultados serão muito mais lentos do que nas “normais” ações de plantação».

O trabalho na Floresta da Serra do Açor «não pára com o

Para a presente época de plantação, que iniciou em 25 de novembro e durará até meados de fevereiro de 2025, “prevê-se a instalação de mais 300 ha (cerca de mais 320.000 novas árvores)”

Além da arborização, realizam-se simultaneamente trabalhos de limpeza de povoamentos, beneficiação da regeneração natural, beneficiação de linhas de água e controlo de espécies invasoras lenhosas



de incêndio se torna um factor limitante, os trabalhos cessam.

Modelos de silvicultura desenvolvidos pela ESAC

Os modelos de silvicultura distintos para estes povoamentos mistos foram desenvolvidos em parceria técnica/científica com o Departamento Florestal da Escola Superior Agrária (ESAC) do Instituto Politécnico de Coimbra, com a colaboração dos professores José Gaspar, Raúl Salas-Gonzalez e da professora Beatriz Fidalgo, e pensados para as condições da Serra do Açor.

De forma preventiva, antecipam os cenários de alterações climáticas a que se está sujeito, aos quais as plantas são particularmente sensíveis. Estes povoamentos mistos são mais resilientes a pragas e doenças, mais biodiversos e com maior valor. A gestão futura, em função da sua evolução, permitirá a sua conversão em povoamentos puros de folhosas, retirando progressivamente as resinosas, fundamentais nos primeiros anos pela proteção que proporcionam às espécies folhosas.

Além da arborização, realizam-se simultaneamente trabalhos de limpeza de povoamentos, beneficiação da regeneração natural, beneficiação de linhas de água e controlo de espécies invasoras lenhosas, como a acácia-mimosa, acácia-austrália e háckea-picante. O objetivo é converter as áreas florestais em áreas multifuncionais e sustentáveis, tanto do ponto de vista ecológico como económico, permitindo, num futuro próximo, o suporte de atividade económicas importantes, como a pastorícia, a apicultura, a caça, o turismo de natureza e o desporto-aventura. ☺

final da época de plantação», pois os trabalhos de «preparação de terreno, limpezas de povoamentos, controlo de invasoras, beneficiação de regeneração natural e os trabalhos de manutenção «desenvolvem-se principalmente fora desta época», assegurando, assim, também «outro dos objetivos do projeto, a presença de pessoas ao longo do ano na Serra».

Este contínuo e cuidado acompanhamento vai garantir,

através de uma gestão adaptativa às condições, que os povoamentos terão as intervenções necessárias à reposição do equilíbrio de que necessitam para o seu desenvolvimento, através do controlo da vegetação espontânea, desbastes e retanchas (substituição das plantas secas). Um dos aspetos que torna este projeto pioneiro e inovador é precisamente esta gestão florestal adaptativa. Nos meses de verão, em que o risco



Respeito pelo ambiente é prioridade na estratégia do Grupo Jerónimo Martins

RESPONSABILIDADE «É um compromisso multigeracional. Tem ambição, tem paixão e tem uma vontade férrea de fazer acontecer uma mudança muito bonita, na ainda mais bonita Serra do Açor». A afirmação é de Pedro Soares dos Santos, presidente e administrador delegado do Grupo Jerónimo Martins, e foi proferida no âmbito da parceria da empresa – vai investir 5 milhões de euros, utilizados nos primeiros 15 anos de implementação do projeto – na ambição de reflorestar a Serra do Açor conjuntamente com entidades públicas e comunitárias.

A iniciativa, adianta o responsável, reforça o «compromisso com a preservação do ambiente», em respeito pelos Objetivos 13: Ação Climática e 15: Proteger a Vida Terrestre dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

«O respeito pelo ambiente é uma das prioridades da estratégia de responsabilidade do Grupo Jerónimo Martins.

Modelo multifuncional de longo prazo

O projeto assenta num modelo multifuncional de longo prazo – planeamento e financiamento a 40 anos e terá uma Aptidão de Produção (60% da área de intervenção), com intervenções maioritariamente localizadas, de baixo impacto, de intervenção manual e com aproveitamento da regeneração natural. Uma vertente de Aptidão Proteção (23% da área de intervenção), com prestação de serviços de ecossistema, áreas de proteção de linhas de água, proteção do solo contra a erosão e fomento da biodiversidade, e uma área Aptidão Silvo-pastorícia (12% da área de intervenção) - produção de carne em áreas de gestão de combustíveis. A Defesa da Floresta Contra Incêndios será 5% da área de intervenção, com gestão de combustíveis e proteção passiva de pessoas, infraestruturas e bens, bem como combate, mitigação e adaptação às Alterações Climáticas. ☺



Grupo investe 5 milhões de euros nesta reflorestação

O combate às alterações climáticas passa também pelo aumento da quantidade e da qualidade dos espaços florestais geridos de forma sustentável», referiu o empresário.

De acordo com o presidente da Jerónimo Martins, «o grupo financia o projeto sem qualquer contrapartida», apenas a de contribuir para o «desenvolvimento do interior, a proteção do território contra fogos e o sequestro de carbono, num contexto de emergência

climática global».

«É um projeto de longo prazo, que vai levar muitos anos. É um projeto em que acreditamos que, se for bem feito e bem estudado, pode ser uma mudança de paradigma de como olhar para a floresta e prevenir outros desastres», vincou, a propósito.

Na opinião de Pedro Soares dos Santos «falta investir muito na floresta», esperando que este seja um exemplo replicável por outros. ☺

Associação reúne regularmente os sócios



PROXIMIDADE A Floresta da Serra do Açor - Associação reúne regularmente a Assembleia-Geral dos seus associados, garantindo através da proporcionalidade (10 ha – 1 voto) a participação ativa de cada Comunidade Local na gestão do seu Baldio.

Como em qualquer associação, são apresentados pela direção os planos e relatórios de execução, onde se mantêm informados os representantes de cada Assembleias de Compartes sobre o projeto mas também sobre outras particularidades relacionadas com a singularidade que constitui a propriedade Co-

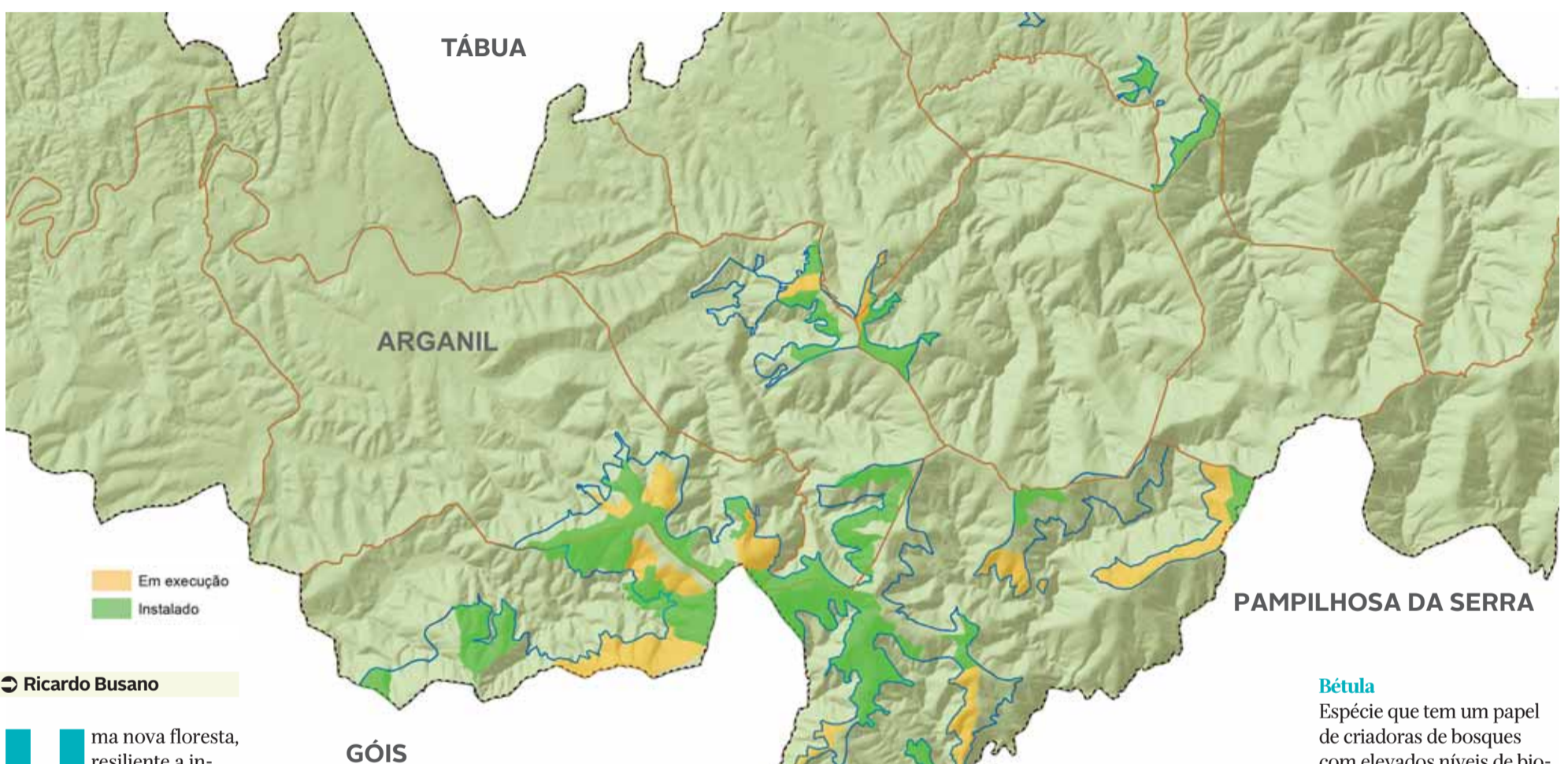
munitária que são os Baldios, uma realidade desconhecida para muitos, mas com uma história longa e tão importante para a identidade das comunidades locais serranas, contribuindo para a sua revitalização.

Os corpos sociais são constituídos pelos representantes de cada uma das Comunidades - Alqueve e Bocado, Celavisa, Cepos e Casal Novo, Lomba, Nogueira e Aveleira, Luadas, Porto Castanheiro, Salgueiro, Teixeira e Vinhó, sendo a presidência da direção assegurada estatutariamente pela Câmara Municipal de Arganil. ☺

FLORESTA DA SERRA DO AÇOR

GERAÇÃO NOVA DE ÁRVORES CRIA FLORESTA **RESILIENTE A INCÊNDIOS, SUSTENTÁVEL E PRODUTIVA**

FUTURO Nos primeiros cinco anos, 85% da área a reflorestar combina pinheiros com espécies folhosas. A maioria delas regenera-se naturalmente após o abate, garantindo, assim, a continuidade do “espaço verde”



↳ Ricardo Busano

Uma nova floresta, resiliente a incêndios, sustentável e produtiva. Este é o objetivo final do projeto “Floresta Serra do Açor”. Nos primeiros cinco anos, 85% da área a reflorestar combinará pinheiros com espécies folhosas. A maioria delas regenera-se naturalmente após o abate, garantindo, assim, a continuidade do “espaço verde”.

Uma grande área (90%) a ser restaurada será composta por povoamentos mistos de espécies resinosas e folhosas. Nesse sentido, o pinheiro será combinado com espécies como sobreiros, castanheiros, carvalho-negral, carvalho-alvarinho, medronheiro e bétula.

O desenvolvimento com sucesso dos povoamentos mistos permitirá a transformação gradual, por exploração das resinosas, menos

longevas, para áreas constituídas por folhosas, geridos à perpetuidade, renovando-se sem cortes rasos.

As pseudotsuga e carvalho-americano, espécies não autóctones mas bem adaptadas e usadas em áreas restritas, vão ter funções de produção e de valorização da paisagem. A principal finalidade é ter uma área ocupada apenas por essas espécies folhosas, originando uma floresta resiliente aos incêndios, sustentável e capaz de conciliar a produção com a conservação, ao mesmo tempo que contribui para incentivar as pessoas a fixarem-se na área.

A regeneração das florestas não depende apenas da plantação de árvores mas, sobretudo, da gestão profis-

sional ao longo dos tempos que garante a mudança do paradigma. Como tal, o projeto Floresta Serra do Açor inclui medidas de manutenção, como o acompanhamento contínuo das espécies, a sua replantação quando necessário, e ações de limpeza e desbaste. A prevenção de incêndios e a promoção da economia local fazem parte dos objetivos do programa. Combater a desflorestação – na Serra do Açor e em qualquer outra parte do mundo – só é possível com um compromisso sustentado a longo prazo. Todos têm um papel nesta viagem, seja ao evitar comportamentos de risco, ao contribuir de forma local para a plantação de árvores, ou simplesmente ao desfrutar de forma responsável do melhor que a floresta tem para oferecer.

Espécies de árvores plantadas na Serra do Açor

Pinheiro-bravo

Espécie originária do Sudoeste Europeu e do Norte de África. O seu papel neste projeto é o de espécie extraordinariamente rústica e bem adaptada, capaz de se desenvolver em solos pobres e degradados, criando condições para o desenvolvimento de espécies mais exigentes (as folhosas).

Carvalho-negral

Espécie nativa da Península Ibérica e Norte de África, que fornece madeira de qualidade. Os seus bugalhos (ou galhas) são também um remédio caseiro contra as picadas de vespas.

Carvalho-alvarinho

Espécie Eurasiática, foi em tempos dominante na floresta portuguesa. Produz bolotas e a sua madeira é das mais valiosas da Europa por ser resistente à humidade.

Sobreiro

Espécie endémica da Europa e do Norte de África, é uma árvore importante para a economia portuguesa já que produz a tão versátil cortiça. As suas bolotas são usadas para alimentar animais como os porcos ibéricos.

Bétula

Espécie que tem um papel de criadoras de bosques com elevados níveis de biodiversidade, com elevados níveis de retenção de água e produtoras de alimento para a fauna selvagem. Tem igualmente um extraordinário efeito sobre a paisagem.

Castanheiro

Espécie originária do Mediterrâneo, produz madeira usada em construção, carpintaria e cestaria. O fruto é a tão apreciada castanha, utilizada para alimentação humana e animal.

Medronheiro

Espécie da Bacia Mediterrânica e Europa Ocidental, que suporta temperaturas negativas. O seu fruto, o medronho, é consumido fresco ou usado para produzir licores e aguardentes. O pólen das flores usa-se para produzir mel de medronheiro. Por não crescer a direito, a madeira é usada para lenha e para esculpir cachimbos. ☺